

“MULHER QUE JOGA BOLA É FEIA”: PROBLEMATIZANDO ALGUNS ESTERÉOTIPOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Abília Ana Castro Neta¹

Angelo Miguel Santos Maciel²

Romeu Lelis Guedes³

Glaurea Nádia Borges de Oliveira⁴

PALAVRAS-CHAVE: currículo cultural; Educação Física escolar; Pibid.

INTRODUÇÃO

A sociedade atual é marcada pela presença de diferentes culturas, configuradas por identidades múltiplas que se relacionam, confrontam-se, reformulam-se, afirmam-se e se hibridizam a todo instante (HALL, 1992). Essa diversidade cultural é também o que se observa dentro das escolas. Para Silva (2009), todos os currículos projetam uma identidade esperada e defendida como a mais adequada para a continuidade da sociedade, negando outras formas de ser e agir e gerando desigualdades nas relações entre os sujeitos. Com base nesses pressupostos, Neira (2011) e Neira e Nunes (2011; 2009) defendem, no âmbito da Educação Física, um currículo enquanto espaço-tempo no qual seja possível compreender e questionar os processos de fixação de sujeitos: um currículo das diferenças, denominado de currículo cultural. O currículo cultural da Educação Física tem como objetivo a formação de um sujeito ativo-crítico socialmente, que seja suficientemente capaz de se posicionar e lutar por condições de vida e por relações mais democráticas.

Este estudo tem a finalidade de relatar uma experiência vivenciada por bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) no contexto do subprojeto “Educação Física escolar: construindo possibilidades pedagógicas a partir de uma perspectiva cultural”, desenvolvido pelo curso de licenciatura em Educação Física da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)/Campus XII. As ações pedagógicas foram concretizadas a partir dos fundamentos do currículo cultural, em uma escola situada no município de Guanambi-BA, com alunos do 1º ano do ensino fundamental.

METODOLOGIA

A intervenção pedagógica que representa o foco de análise deste trabalho iniciou-se a partir do reconhecimento da escola e do seu entorno e da adoção de estratégias para se definir o tema de estudo, num processo denominado de mapeamento. Nesse processo, realizamos uma atividade com a finalidade de identificar quais práticas corporais os alunos vivenciavam ou conheciam, com base no princípio de valorização da sua cultura de chegada. O futebol foi mencionado muitas vezes, sendo definido como uma das práticas a serem tematizadas ao longo do período letivo. Os resultados apresentados a seguir se referem a essa tematização.

A sistematização dos resultados dessa experiência foi feita a partir de registros reflexivos realizados cotidianamente pelos bolsistas de iniciação à docência. Esses registros consistem numa das estratégias formativas adotadas pelo subprojeto.



“MULHER QUE JOGA BOLA É FEIA!”

Ao tematizarmos o futebol, iniciamos discutindo a história desse esporte no Brasil e no mundo e abordando algumas curiosidades. Para isso, recorreremos ao uso de vídeos e imagens. Num segundo momento, levamos as crianças para vivenciarem o futebol de forma livre, tomando como referência os modos de jogar que configuravam as suas experiências com o esporte. Por meio de um percurso não linear, os alunos ressignificaram a prática, elaborando e reelaborando as regras, à sua maneira, ou criando outras para atender as necessidades do grupo, promovendo uma reorganização, acompanhada da devida interpretação. Posteriormente, problematizamos a questão do gênero feminino inserido nessa prática desportiva. Neste sentido, os alunos reconheceram a inclusão das mulheres no esporte, entretanto, em seus discursos, encontramos marcadores sociais relacionados aos estereótipos de beleza. Um aluno assim se manifestou:

“Mulher que joga bola é feia!”

A partir desse posicionamento, e na tentativa de identificar diferentes discursos acerca dos padrões de beleza, assim como as representações dos alunos no que concerne a essa questão, propusemos, na semana seguinte, uma atividade de colagem, na qual eles iriam selecionar, em revistas, imagens de pessoas que considerassem feias ou bonitas. Após a colagem, pedimos que socializassem seus trabalhos. Seguem as falas de alguns alunos:

“O homem é feio porque não tem cabelo e aquela mulher é bonita porque é da minha cor!”

“Ela é feia porque é muito magra!”

“Ele é bonito porque o carro dele é bonito! Ele é feio porque é gordo”.

Os estereótipos de beleza manifestados nessas falas foram trazidos para serem problematizados e analisados, ou seja, tornaram-se objeto de estudo do grupo de alunos. É importante ressaltar que, quando esses fatos se evidenciam nas aulas, comumente são ignorados ou encobertos com práticas que reforçam hierarquias. Assim, coube a nós indagar-nos sobre qual o papel da Educação Física e da escola na constatação e construção dessas representações preconceituosas. Esses apontamentos foram desencadeadores para o redirecionamento das aulas (COLOMBERO, 2012).

Na prática pedagógica aqui relatada, a problematização esteve presente na tentativa de confrontar as representações que os alunos tinham a respeito dos estereótipos que emergiram ao tematizarmos o futebol com outros discursos e outras formas de significar a ideia de beleza. Provocávamos os alunos, respaldados por imagens e vídeos, sobre o conceito de beleza, as características que tornariam uma pessoa bonita e quais influências sofreram que os impulsionaram a se posicionarem daquela forma. Ao final, conseguimos proporcionar uma reflexão sobre a importância do reconhecimento da diversidade de raça, gênero e composição corporal.

CONCLUSÃO

A centralidade adquirida pela cultura na análise social contemporânea nos obriga a olhar para a escola como um contexto de luta em torno da legitimação de significados culturais e de identidades. Neste sentido, a escola deve assumir o compromisso de formar sujeitos capazes de analisar e de desconstruir discursos pré-estabelecidos, problematizando e



buscando a gênese desses discursos, refutando toda prática que reforce hierarquias e acentue a produção das diferenças. Por tudo isso, conclui-se que as ações pedagógicas da Educação Física respaldadas em uma perspectiva cultural podem ajudar a construir um currículo que dê lugar às vozes dos alunos, potencializando essas vozes; que projete a formação de identidades democráticas e contribua para o estabelecimento de relações sociais mais igualitárias.

REFERÊNCIAS

COLOMBERO, R. M. M. P. Futebol e representações sociais na escola. In: NEIRA, M. G.; LIMA, M. E.; NUNES, M. L. F. (org.). **Educação Física e Cultura: Ensaio sobre a prática**. São Paulo: FEUSP, 2012. p. 31-48.

HALL, S. A. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1992.

NEIRA, M. G. **Educação Física**. São Paulo: Blucher, 2011.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Educação Física, Currículo e Cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. Contribuições dos Estudos Culturais para o currículo da Educação Física. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, vol. 33 no. 3 Porto Alegre Julho/Set. 2011.

SILVA, T. T. Currículo e Identidade Social: Territórios Contestados. In: SILVA, T. T. (org.). **Alienígenas na Sala de Aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 2009.

FONTE DE FINANCIAMENTO

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

¹ Discente do curso de Educação Física da Universidade do Estado da Bahia/Campus XII. E-mail: bia_gbi@hotmail.com

² Discente do curso de Educação Física da Universidade do Estado da Bahia/Campus XII. E-mail: angelosantoshand@gmail.com

³ Discente do curso de Educação Física da Universidade do Estado da Bahia/Campus XII. E-mail: romeu.guedes@hotmail.com

⁴ Mestre em Educação pela PUC/SP. Professora Assistente do curso de Educação Física da Universidade do Estado da Bahia/Campus XII. E-mail: gnoliveira@uneb.br